

BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: CARACTERIZAÇÃO E PREVENÇÃO DO FENÔMENO

Clayton Luiz Zanella*

Maria Teresa Ceron Trevisol**

Resumo

O presente artigo teve por objetivo apresentar uma revisão teórica referente ao fenômeno *bullying* no contexto escolar, considerando as abordagens de diversos autores que versam sobre a temática no campo da educação. Pretendeu caracterizar o fenômeno e apresentar reflexões sobre a sua prevenção no ambiente escolar. O fenômeno *bullying* tem sido foco de pesquisas em inúmeros países e, apesar de ser uma temática ainda muito recente, as produções nesse âmbito têm demonstrado que os educadores necessitam voltar o seu olhar para essa problemática escolar atual. Os conceitos relativos ao *bullying* são diversos, considerando as abordagens multiconceituais que se apresentam no campo da investigação científica. Todavia, o conceito mais evidenciado pelos autores aponta para uma ação agressiva entre os envolvidos em fenômenos dessa natureza, intencional, repetitiva, sem motivos evidentes, que gera sofrimento físico e mental em suas vítimas. Considerado um tipo de violência gratuita, o *bullying* tem provocado debates no campo da educação, uma vez que um ambiente de aprendizagem não pode ser permeado por situações de violência.

Palavras-chave: *Bullying*. Contexto escolar. Prevenção.

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno *bullying* vem sendo foco de pesquisas em diversos países, e apesar das inúmeras concepções concernentes à sua ocorrência, conceituação e tipificação, há uma congruência nas concepções sobre a dinâmica prejudicial desse fenômeno no contexto escolar. É considerado uma ação agressiva entre pares, de natureza intencional e repetitiva, de modo que a crueldade dos agressores se expressa na forma de violência física, psicológica e material.

No contexto escolar, o fenômeno em tela tem gerado debates no sentido de sua compreensão enquanto produção social da violência institucionalizada. Educadores e pesquisadores da educação têm empreendido esforços para estudar esse tipo de violência que não possui natureza causal explícita, dado que os agressores, de forma gratuita e deliberada, mantêm suas vítimas sob o crivo da opressão e da dominação social. Esse fato preocupa diversos educadores de todo o mundo, pois há uma tendência à naturalização da violência na escola, o que é inadmissível para a efetivação de uma aprendizagem libertadora e voltada à equidade social.

Figuram como atores desse fenômeno as vítimas, os agressores, as vítimas-agressores e os espectadores, que não agem em relação ao que presenciam na escola, embora façam parte, como atores coniventes, desse mundo de violência gratuita. A maior temeridade dos atores espectadores é tornarem-se potenciais vítimas, caso intervenham contrariamente às atitudes dos agressores. Além desses atores, convivem no contexto escolar os educadores, que muitas vezes são incapazes de compreender a gravidade da dinâmica desse tipo de violência e seus efeitos negativos para a aprendizagem de seus educandos.

Em vista do quadro aqui referido, o artigo teve por objetivo revisar teoricamente conceitos relacionados ao fenômeno *bullying* no contexto escolar, tomando por base abordagens de autores que versam sobre o fenômeno no

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina; Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina; claytonzanella@yahoo.com.br

** Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina; mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br

campo da educação. Além disso, considera o papel da escola enquanto mediadora de estratégias preventivas. A opção pela temática é justificada pelo fato de as concepções abraçadas por autores que estudam o *bullying* na educação serem diversas e merecerem atenção. Destarte, o estudo dessas concepções constitui, a nosso ver, passo inicial para a compreensão mais ampla do fenômeno na escola. Nessa direção, os procedimentos metodológicos compreenderam consultas a livros e publicações científicas, de modo a se alcançar um traçado conceitual panorâmico referente ao *bullying* na esfera educacional.

Inicialmente, apresentam-se conceitos relativos ao fenômeno *bullying*, bem como inerentes aos atores envolvidos e suas possíveis implicações relacionais no âmbito da escola. Também são evidenciadas reflexões sobre a dinâmica desse fenômeno e a necessidade de concretização de estratégias de prevenção no contexto escolar.

2 BULLYING E SEUS ATORES: REVISITANDO ABORDAGENS

É inegável a multiplicidade de conceitos que circundam a temática *bullying* no contexto escolar. É oportuno apontar que essas abordagens não são totalizantes, ou seja, não aglutinam todas as concepções possíveis sobre o fenômeno e suas implicações na dinâmica escolar. A conceitualização relativa ao fenômeno varia entre os autores, porém, revela alguma aproximação em termos de características das relações violentas que se estabelecem no contexto escolar. Um dos conceitos muito mencionado em produções que discutem o tema é o de Fante (2005, p. 28), que enfatiza tratar-se de:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais [...]

A autora enfatiza, no conceito explicitado, exemplos de atitudes agressivas que podem ser caracterizadas como *bullying*. Cita insultos, intimidações, apelidos cruéis e gozações como formas agressivas utilizadas na relação desigual entre vítima e agressor. Há, portanto, referência direta aos danos físicos, morais e materiais típicos da violência em questão. Hostilizar, ridicularizar e infernizar são verbos direcionados a ações que reportam à ideia de exercício prático do fenômeno em tela.

Fante (2004) reafirma esse conceito quando pontua que *bullying* é um termo inglês utilizado para designar a prática de atos agressivos entre estudantes. Internacionalmente, surgiu como expressão da agressão entre estudantes, o que sugere a estreita relação do conceito com a esfera educacional. Pode-se afirmar que a natureza etiológica desse conceito está atrelada ao contexto escolar, sendo expandida para outras esferas no decorrer do tempo, como a laboral, por exemplo.

Não se pode confundir *bullying* com brincadeiras cotidianas e corriqueiras que ocorrem no ambiente escolar. A intencionalidade e a repetição são duas características marcantes que diferem essa violência das demais brincadeiras supracitadas. Camargo (2009, p. 20) frisa que “[...] *bullying*, portanto, é uma situação de agressão física e/ou psicológica ocorrida de forma intencional, repetida, sem motivo aparente que justifique tal atitude, gerando uma consequência.” Vê-se que, nesse conceito, a autora reitera a forma intencional e repetitiva que diferencia as atitudes violentas das brincadeiras cotidianas na escola. Nessa mesma perspectiva, Leão (2010, p. 123) esclarece:

A prática do *bullying*, considerada muitas vezes pelos pais e professores como brincadeiras de criança, briguinhas que envolvem xingamentos e ofensas, mas que passam e, em alguns momentos são desvalorizadas e até ignoradas, está longe de ser um comportamento normal e aceito em um ambiente escolar. O *bullying*, ao contrário, caracteriza-se por ser uma agressão que se apresenta de forma velada, causando dor e angústia à pessoa que está sendo vitimizada [...]

A autora enfatiza justamente a diferenciação entre as brincadeiras ignoradas por pais e professores da agressão velada causadora de sofrimento às vítimas. É relevante frisar que nessa caracterização da violência é citada a forma velada da expressão intencional e repetitiva das ações agressivas. O fato de, muitas vezes, não ser fácil identificar que

a simbologia velada utilizada pelos agressores é carregada de intencionalidade maldosa, faz com que as ações violentas sejam confundidas com rituais ou conflitos típicos das relações sociais da infância.

Nessa direção, Constantini (2004, p. 69) reitera que “[...] não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que sistematicamente [...], são repetidamente impostos a indivíduos vulneráveis.” O aspecto que mais desperta atenção é que o autor se refere à prática agressora sistemática que ocorre entre estudantes. Sabe-se que o fato de ser uma prática sistemática torna-a quantitativamente mais cruel e violadora. Nota-se que, novamente, o conceito refere-se a estudantes como atores envolvidos no fenômeno.

Os constrangimentos impostos às vítimas são evidenciados por Bezerra et al. (2012, p. 2), quando afirma que o constrangimento “[...] pode ser físico ou moral, poderíamos chamar de atitudes dentro desse processo os atos de humilhar, constranger, apelidar, quebrar pertences, ofender, caçoar, ignorar, excluir, xingar, coagir, entre outras formas de intimidação.” Tais atitudes consideradas agressivas por parte das autoras fomentam a concepção de que violências física e moral ocorrem geralmente simultaneamente no *bullying*. As humilhações passam de atos verbais vexatórios à destruição de pertences pessoais da vítima até constrangimentos físicos.

Há que se refletir, também, sobre os porquês de as vítimas suportarem tamanha violência. Nesse sentido, contribui Beane (2010, p. 85), ao apontar que “[...] a necessidade de aceitação é premente. As crianças constantemente buscarão meios de atender a essa necessidade e muitos desses meios são impróprios e destrutivos.” Assim, para se sentirem aceitas ou protegidas, as vítimas acabam se submetendo aos domínios dos agressores, que podem fazer parte de suas relações sociais cotidianas. Os agressores também podem utilizar a força física e a manipulação emocional para se sentirem aceitos no grupo social.

Muitas vezes, os agressores são carentes de afeto e atenção familiar e buscam o reconhecimento social por meio da prática indiscriminada do *bullying*. A tendência é de que, mesmo da forma mais violenta e patológica, satisfaçam a essa necessidade. Assim, conforme Mildelton-Moz (2007, p. 43), os *bullies* “[...] são imprevisíveis: superprotetores, carinhosos, pondo-lhe em pedestal em um minuto, e calmamente destruindo seu ego no próximo.” Vê-se que a autora caracteriza os agressores como imprevisíveis, o que pode gerar mais ansiedade e sofrimento para as vítimas.

O fato de os agressores denominados *bullies* serem imprevisíveis causa muito medo e angústia às vítimas, considerando que eles são especialistas em comportamentos amedrontadores. Nos espaços que compõem a escola, os agressores sempre encontram vítimas mais frágeis física e/ou psicologicamente. Os estudantes mais humildes, fisicamente mais franzinos ou tímidos compõem o conjunto das vítimas prediletas dos *bullies*, pois sentem prazer em torturar alguém que não tem condições de autodefesa. Sobre os *bullies*, Leão (2010, p. 119) considera que:

Entre crianças e adolescentes, levando em conta a faixa etária em que se encontram, a prática do *bullying* é causada pela necessidade que o sujeito tem de se impor sobre o outro, tanto para a demonstração de poder, quanto para satisfação pessoal. Percebe-se que há uma necessidade de se autoafirmar a todo o instante, perante si mesmos e em relação aos outros [...]

Percebe-se que, na abordagem da autora, conta o fato de o agressor necessitar manter seu *status* perante o contexto social, demonstrando seu poder como simbologia de reconhecimento e autoafirmação. A satisfação pessoal emerge da relação de dominação que se estabelece com as vítimas. As vítimas tornam-se, com o passar do tempo e dependendo da intensidade das agressões, pessoas infelizes, insatisfeitas, apresentando medo e vergonha.

É preocupante a constatação de Silva (2010, p. 79), ao afirmar que “[...] a comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor parte, a sociedade como um todo [...] na sociedade escolar encontramos um micromundo.” Para a autora, esse micromundo pode reproduzir uma espécie de sistema de castas, em que os mais fortes dominam os mais fracos de forma arbitrária e impositiva. É na escola que crianças e adolescentes podem aprender a conviver em sociedade e propagar os conhecimentos construídos nesse ambiente para o bem da coletividade. Em contrapartida, esse micromundo pode configurar-se como um espaço de fomento da violência interpessoal, caso não haja políticas preventivas envolvendo todos os atores escolares.

Camargo (2009, p. 27) ressalta que “[...] escola é um palco para números conflitos e inúmeras possibilidades de construção. Por isso, a violência encontra-se presente em todos os cantos dessa instituição e se dá por vários motivos.” Nota-se que não há como evitar a violência sem compreender as causas/circunstâncias que a produzem. Em

termos sociológicos, o *bullying* pode ser considerado uma dissidência do sistema de castas ou mesmo a perpetuação da relação dominante-dominado.

Interessa, nesse contexto, apontar a diferenciação existente entre os tipos de *bullying*. Na abordagem de Chailita (2008), podem-se identificar duas formas do fenômeno: uma direta e outra indireta. A forma direta é a mais utilizada por agressores do gênero masculino, que chutam, ofendem com apelidos e empurram, estragam objetos dos colegas, entre outras ações aviltosas. Já a forma indireta é a mais comum entre o gênero feminino, levando a vítima ao isolamento social, por meio de difamações, fofocas e boatos cruéis disseminados na escola e na sociedade.

Segundo Silva (2010), estudos revelam um leve predomínio dos meninos sobre as meninas na prática do *bullying*. No entanto, por utilizarem mais a força física, as atitudes dos meninos são mais percebidas na escola. Ignoram-se, por vezes, as agressões praticadas pelas meninas, o que pode gerar consequências praticamente irreversíveis na autoestima das vítimas. Todavia, há congruências teóricas no sentido de se conceber que “[...] os *bullies*, geralmente, se envolvem em situações antissociais e de risco, quais sejam: roubo, drogas, álcool, tabaco, vandalismo e brigas.” (LEÃO, 2010, p. 125).

Além dos comportamentos antissociais típicos dos agressores, é necessário tipificar as consequências das constantes investidas violentas provocadas pelos agressores. São inúmeras as possíveis consequências, todavia, algumas são comumente encontradas no desenvolvimento biopsicossocial das vítimas.

[...] enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaléia, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e suicídio, bem como reações extrapsíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas. (FANTE, 2005, p. 80).

Denota-se que as reações das vítimas são de caráter multifuncional, afetando aspectos dos desenvolvimentos biológico, psíquico e social. Já para Milddelton-Moz (2007), as vítimas abusadas apresentam um comportamento social inibido, passivo ou submisso. Costumam sentir vulnerabilidade, medo, vergonha e autoestima baixa. Além disso, sabe-se que as vítimas reagem de forma depressiva às violações e podem chegar a cometer suicídio em situações em que não encontram apoio. Assim, é necessário fortalecer a autoestima das vítimas para que se sintam seguras e encontrem mecanismos para controlar as próprias emoções.

Acredita-se que as vítimas necessitam da apropriação pessoal de estratégias eficazes no sentido de identificarem a dimensão real das forças física e psicológica empregadas por seus agressores. Resta evidenciar que uma criança ou um adolescente ainda não possui maturidade suficiente para compreender o mundo e a dinâmica das relações de poder instituídas na trama social. Portanto, pais e educadores são os principais responsáveis por fornecer suporte emocional às vítimas do *bullying*. Todavia, como os eventos traumáticos ocorrem, na maioria das vezes, no ambiente escolar, cabe também aos educadores encontrar estratégias preventivas e de controle das agressões.

2.1 PREVENÇÃO DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR

O fenômeno *bullying* está sendo estudado por educadores e pesquisadores do mundo todo. Vê-se que as implicações de sua ocorrência no ambiente escolar são diversas e vão desde prejuízos na autoestima e isolamento social até o suicídio. Na escola a existência dos valentões que intimidam, ameaçam e provocam os considerados mais frágeis é comum. A violência não está somente nas ruas e residências. Está onde há seres humanos, e tem aumentado consideravelmente com o passar do tempo. Acredita-se que esse considerável aumento se deve às disfuncionalidades familiares e ao aumento das desigualdades sociais.

De acordo com Calhau (2009, p. 6), “[...] os índices de violência explodiram nos últimos vinte anos e as autoridades não têm uma saída.” Crê-se que as autoridades não têm uma saída viável porque a violência é fruto da cultura que recria a violência diária em suas diferentes facetas sociais. Mudam-se as facetas, porém, perpetua-se a violência como expressão da questão social, produto do sistema capitalista. Segundo Iamamoto (2001, p. 10), a questão social “[...] diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado.” A autora enfatiza que, sem políticas públicas, não é possível minimizar as

expressões oriundas do sistema violador. Assim, tem-se a concepção de que a escola é parte do Estado e precisa encontrar alternativas de superação da problemática em tela.

A escola, enquanto entidade estatal, enfrenta a demanda emergente de engendrar estratégias de identificação, prevenção e repressão do *bullying*. A tomada de medidas eficazes em relação a esse tipo de violência, que há muito tempo vem sendo considerada como parte normal do desenvolvimento dos educandos, somente será possível a partir de sua plena compreensão, evitando julgamentos de caráter empírico e/ou emocional.

É premente compreender suas raízes sociofamiliares e permitir que também os agressores possam receber atenção pedagógica e terapêutica. Nessa mesma direção, Vasconcelos (2003, p. 77) reforça a ideia de que “[...] o professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens) [...]” Assim, o enfrentamento do *bullying* ocorre a partir de uma postura proativa do educador, que tem a função social de organizar relações humanizadas no ambiente escolar. Portanto:

[...] o envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos, é fundamental para a implementação de projetos de redução do *bullying*. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral, o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro. (LOPES NETO, 2005, p. 164).

Fica evidente a concepção do autor em relação ao envolvimento de toda a comunidade escolar na implementação de projetos que mobilizem os atores escolares para o debate e a conscientização coletiva. O autor remete sua reflexão ao âmago da premente demanda escolar de encontrar alternativas de enfrentamento da violência. De acordo com sua reflexão, há a necessidade de se estabelecerem diretrizes e ações coerentes que envolvam educadores, pais, funcionários e alunos na busca de soluções viáveis.

Ainda para Lopes Neto (2005, p. 164), “[...] reduzir a prevalência de *bullying* nas escolas pode ser uma medida de saúde pública altamente efetiva para o século XXI.” Nesse aspecto, denota-se que o autor possui uma visão ampla e sistêmica do fenômeno. Direciona a reflexão para a esfera da saúde pública, o que fornece subsídios para uma análise da necessidade de abordagens multidisciplinares concernentes ao *bullying*. É fundamental que o enfrentamento da violência não recaia somente sobre os atores escolares, pois se tem a clareza da emergência da efetivação de políticas sociais de saúde e assistência social. A partir de ações planejadas com foco interdisciplinar, envolvendo todas as políticas públicas, as medidas preventivas tornar-se-ão mais eficazes e diminuirão a prevalência de ações agressivas na comunidade escolar. Sobre as ações de foco interdisciplinar, acredita-se que:

[...] as instituições de saúde e educação, assim como seus profissionais, devem reconhecer a extensão e o impacto gerado pela prática do *bullying* entre estudantes e desenvolver medidas para reduzi-la rapidamente [...] Mesmo admitindo que os atos agressivos derivem de influências sociais e afetivas, construídas historicamente e justificadas por questões familiares e/ou comunitárias, é possível considerar a possibilidade infinita de pessoas descobrirem formas de vida mais felizes, produtivas e seguras. (LOPES NETO, 2005, p. 170).

Destarte, cabe aos atores escolares proporem conjuntamente um projeto político pedagógico consistente, que considere a prevenção da violência como uma necessidade inequívoca da escola. Na realidade, diversos estados brasileiros já avançaram em termos de regulamentações que visam acentuar o combate ao *bullying* nas escolas.

No que se refere à escola, esse combate pode ser reforçado a partir de ações coletivas emanadas do respectivo projeto político pedagógico. De acordo com Veiga (2002), o projeto político pedagógico deve ser construído democraticamente, de modo a empreender esforços visando à superação de conflitos e relações competitivas e autoritárias na escola. A autora ainda frisa a busca da superação na hierarquização das decisões, voltando seu olhar para a democratização das relações sociais no âmbito escolar.

Enfim, sabe-se que a prevenção não é fácil. Significa criar estratégias de disseminação de informações na escola, favorecendo a sensibilização coletiva e oportunizando um espaço dialógico de construção de medidas *antibullying*. Na versão de Bezerra et al. (2002, p. 4), “[...] quando a escola não intervém decisivamente tentando barrar o avanço da agressividade os autores/alvos levam as práticas violentas para outros ambientes de convivência.” Também por isso,

acredita-se que a escola como instituição responsável pela formação humana e científica dos alunos tem a obrigação de gerar ações preventivas que minimizem ou combatam a violência em suas mais variadas formas, incluindo o *bullying*.

Ainda para Bezerra et al. (2012, p. 4), “[...] ao investigar o passado dos autores desses atos, percebe-se que viveram situações de violência seja na família ou na escola [...] autores de *bullying* têm grandes chances de cometerem atos criminosos [...] quando adultos.” Isso reforça a tese de que a prevenção na escola é a principal ferramenta de desarticulação dos atos agressivos e da banalização da violência interpessoal e grupal. Cabe a todos os atores escolares o envolvimento direto nas ações de prevenção, sejam elas campanhas, debates, palestras, oficinas, entre outras estratégias utilizadas para a propagação de informações relevantes sobre a temática.

Nessa perspectiva, atuar em prol da erradicação do *bullying* escolar implica desenvolver ações que vão muito além de campanhas pontuais, essas devem existir, mas em consonância com a valorização de cada sujeito envolvido no processo ensino-aprendizagem, como também estimular práticas pedagógicas compromissadas com a desestruturação desses bloqueios culturais, a consolidação dos Direitos Humanos e a transformação efetiva da sociedade. (BEZERRA et al., 2012, p. 10).

Em consonância com as ideias desses autores, admite-se que as práticas pedagógicas compromissadas têm a tendência de desconstruir tabus e preconceitos e, ao mesmo tempo, originar transformações nas representações sociais dos alunos, fomentando relações mais empáticas, fundadas no respeito pela diversidade e no multiculturalismo. A escola é um espaço privilegiado de construção de novos saberes e de convivência social. Assim, os valores cultivados no espaço escolar precisam primar, prioritariamente, pelo respeito aos direitos humanos.

Nessa lógica de pensamento, Veiga (2009, p. 8) defende que “[...] é preciso tempo para que os educadores aprofundem seus conhecimentos sobre os alunos e sobre o que estão aprendendo.” A postura reflexiva dos educadores pode reforçar relações menos competitivas entre os alunos, motivando-os à convivência pacífica com a diversidade que se apresenta na escola. Conhecer a personalidade dos alunos, seu contexto socioeconômico e familiar e o que estão aprendendo, torna-se uma mola para alavancar soluções para melhorar a aprendizagem e fazer acontecer a prevenção da violência.

Um projeto político pedagógico bem delineado, formação continuada dos educadores e envolvimento de todos os atores escolares apontam para uma profícua efetivação de estratégias dinâmicas e congruentes de prevenção ao *bullying*. Cada escola possui uma configuração diferenciada e as estratégias de prevenção precisam ser pensadas a partir da realidade que se apresenta em cada espaço escolar. As singularidades culturais, socioeconômicas e religiosas da comunidade escolar devem ser analisadas *a priori*, com o intuito de evitar o desenvolvimento de ações de combate à violência que destoam da realidade local.

Em síntese, a prevenção do fenômeno *bullying* no contexto escolar é possível e necessária para a efetivação de políticas que promovam a aprendizagem significativa e fomentem relações humanizadas entre todos os atores escolares, evitando a violência, a competitividade e a imposição de culturas e crenças de alguns indivíduos sobre os outros.

3 CONCLUSÃO

O fenômeno *bullying* é um conjunto de atos agressivos intencionais e repetitivos praticados no contexto escolar. Como se buscou acentuar, as práticas relativas a esse fenômeno causam intenso sofrimento físico e psíquico às vítimas e prejudicam o desenvolvimento biopsicossocial e a aprendizagem. A característica marcante desse tipo de violência é a intencionalidade. A maioria das vítimas são alunos mais frágeis fisicamente, tímidos e com baixa autoestima. Os agressores utilizam como ferramentas principais a manipulação e o exercício do poder arbitrário nas relações com seus pares.

Esse fenômeno tem preocupado educadores e outros profissionais, incluindo pesquisadores de todo o mundo. Conforme destacado, as preocupações voltam-se, basicamente, à necessidade de se encontrarem estratégias que minimizem ou combatam a violência no contexto escolar. A maioria dos autores concorda em relação às consequências pessoais e sociais causadas pelo *bullying* na escola, havendo convergência nas abordagens quanto à implementação de estratégias de enfrentamento da problemática.

Quanto à prevenção do fenômeno *bullying* no ambiente escolar, os autores apontam para a importância da efetivação de um planejamento coletivo na escola que culmine na construção de um projeto político pedagógico mais eficaz e capaz de reconhecer as particularidades de cada comunidade escolar. Afinal, a prevenção do *bullying* na escola é uma tarefa coletiva e deve envolver todos os atores escolares, incluindo educadores, pais, funcionários e alunos.

Nesse contexto, é importante buscar alternativas de superação da violência escolar, enquanto caminho para a formação humana integral pautada no respeito aos direitos humanos, ao multiculturalismo e à diversidade social. Os educadores têm a função de conhecer a realidade social e cognitiva de seus alunos para compreender melhor a trama das relações sociais das quais fazem parte. Afinal, conhecendo a realidade dos alunos é possível criar estratégias mais consistentes de enfrentamento do *bullying*.

Por fim, ressalta-se que os resultados do presente trabalho também constituem indicativos de outros estudos que possam contribuir para a dinâmica das relações de violência que se estabelecem no âmbito escolar.

School bullying in context: characterization and prevention of phenomenon

Abstract

This article aimed to present a theoretical and conceptual review covering the phenomenon of bullying in the school context, considering the approaches of several authors that deal with the subject in the field of education. It also aimed to characterize the phenomenon and to present reflections on its prevention in the school environment. The bullying phenomenon has been the focus of research in many countries and, despite being a very recent issue, the productions in this field have shown that educators need to focus on this current school issue. Also, the concepts related to bullying are different, considering the several kinds of approaches that are presented in the field of scientific research. However, the most evident concept shown by the authors points to aggressive action among those involved in phenomena of this kind, intentional, repetitive, without apparent reason, which generates physical and mental suffering on its victims. Considered a type of gratuitous violence, bullying has provoked debates in the field of education, since a learning environment cannot be involved on violence situations.

Keywords: Bullying. School environment. Prevention.

REFERÊNCIAS

BEANE, A. L. **Proteja seu filho do bullying**. Tradução Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

BEZERRA, F. C. et al. *Bullying: uma revisão da literatura*. In: Colóquio Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento-CEURCA, 2., 2012, Meireles. **Anais...** Universidade Regional do Cariri, Meireles, 2012.

CALHAU, L. B. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. Niterói: Impetus, 2009.

CAMARGO, C. G. **“Brincadeiras” que fazem chorar!:** introdução ao fenômeno *bullying*. São Paulo: All Print, 2009.

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade. Bullying: o sofrimento de vítimas e agressores**. São Paulo: Gente, 2008.

CONSTANTINI, A. **Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre os jovens**. Tradução Eugenio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2004.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Verus, 2005.

IAMAMOTO, M. V. A Questão social no capitalismo. **Temporalis**, Brasília, DF, ano 2, n. 3, 2001.

MILDELTON-MOZ, J. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

LEÃO, L. G. R. O Fenômeno *bullying* no ambiente escolar. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n. 4, jan./jun. 2010.

SILVA, A. B. B. **Cartilha**: *bullying* justiça nas escolas. Brasília, DF: Conselho Nacional de Justiça, 2010.

VASCONCELOS, C. dos S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2002.